

HISTÓRIAS E ESTÓRIAS DE UMA FAMÍLIA POLITIZADA

Com a aproximação das eleições, muitos acham que política se resume a acompanhar as propostas dos candidatos e votar. Mas será que política é apenas isso?

Em seu livro *Convite à Filosofia*, Marilena Chauí pergunta: a política é uma atividade específica de alguns profissionais da sociedade ou diz respeito a todos nós, que vivemos em sociedade? A pergunta ajuda a entender afirmações que ainda ouvimos: “lugar de estudante é na sala de aula e não na rua fazendo política”; “lugar de mulher é em casa, cuidando da família, e não em assembleias ou comícios”.

A política está presente em nossa vida e interfere em praticamente tudo que diz respeito à sociedade. Política é essencialmente relações de poder. Existe política dentro de casa, nas empresas, nas igrejas, nas universidades e nos sindicatos. E existe política no município, no estado e no país em que você mora. Você ao dizer que não gosta de política está fazendo uma escolha política, permitindo que as coisas continuem como estão.

Na minha família, a participação política sempre esteve presente quer nos movimentos sociais e sindicais, na educação, na saúde, no direito, na cultura e na Igreja. Somos quatorze irmãos, três já falecidos, e todos, de uma maneira ou de outra, participaram ou participam da vida política. Talvez tenhamos recebido essa herança de nossos pais.

Há histórias e estórias na minha família. Meu pai, Arnaldo, era um político nato. Em 1938, quando nasceu seu segundo filho, deu-lhe o nome de Luiz Carlos, em homenagem a Luiz Carlos Prestes. Admirava Prestes, não pelo comunista, mas pelo líder da Coluna Prestes.

Em Arceburgo, para onde se mudou com minha mãe e os três primeiros filhos, em 1941, meu pai era conhecido pelas críticas que fazia a Getúlio Vargas e a Benedito Valadares, interventor de Minas Gerais durante o Estado Novo.

Um dia, na farmácia da cidade, disse que Valadares era uma “cavalgada”. Alguém ouviu, não gostou e contou ao delegado que o dentista havia ofendido o interventor. Intimidado a comparecer à delegacia, meu pai respondeu calmamente que o denunciante não havia entendido bem. O que dissera era que Benedito Valadares era um político de “grande envergadura”. O delegado aceitou a explicação.

Algum tempo depois, o prefeito e o vigário pediram a meu pai que saudasse Valadares, que visitaria a cidade para inaugurar uma escola. Não queria aceitar, pois não gostava do interventor, mas era a única pessoa na cidade que sabia fazer discursos. Depois de muita insistência, aceitou, mas disse aos amigos que ia chamar Valadares de cavagaldura

Na praça da matriz, diante da banda de música e de centenas de pessoas, começou: “Arceburgo tem um grande orgulho e satisfação em receber V. Excia., Dr. Benedito Valadares, um político colocado por Getúlio Vargas para administrar o nosso Estado e que tem incentivado o nosso desenvolvimento. V. Excia. estimula a educação, estimula a agricultura, estimula a saúde...”

Enquanto pronunciava “estimula”, porém, separava-a em duas: “esti... mula”, apontando discretamente o dedo para Valadares. Só seus amigos perceberam a provocação.

Anos mais tarde, já morando em Jundiá, meu pai candidatou-se a vereador pelo Partido Social Progressista. Lembro-me de Adhemar de Barros tomando café em nossa casa e dos comícios, quando eu e meus amigos, batendo em panelas, gritávamos: “Nós queremos Arnaldo Lemos!”

Eleito, teve vários embates na Câmara, inclusive com um vereador comunista, numa época em que o comunismo era combatido radicalmente pela Igreja Católica, da qual era praticante.

Mais tarde, morando em Louveira, então pertencente a Vinhedo, candidatou-se novamente. Fez campanha no Quebra, bairro que fica na Via Anhanguera, onde está hoje Restaurante Lago Azul, prometendo levar energia elétrica, se eleito. No dia da eleição, era comum que candidatos colocassem carros à disposição dos eleitores. Às quatro e meia da tarde, chegaram à nossa casa cinco homens do Quebra que, entretanto, votavam em Vinhedo. Meu pai pediu ao motorista que os levasse até lá. Na volta, minha mãe preparou um lanche para os cinco. Depois, o motorista os levou de volta ao Quebra

Meu pai foi eleito. Quando viu no jornal a votação em Vinhedo, descobriu que não tivera um único voto na cidade. Depois de empossado, fui com ele a uma reunião com os moradores do Quebra para cumprir sua promessa. Os cinco estavam presentes. Meu pai reconheceu-os imediatamente. Não preciso dizer qual foi sua reação.

Nossa mãe, Isaura, era diferente. Sua participação política não se expressava em discursos ou candidaturas, mas na formação dos filhos. Transmitiu-nos valores de solidariedade e justiça social que permanecem até hoje. Esses valores aparecem na união da família, nas confraternizações de Natal e no Fundo Solidário que criamos para ajudar quem precisa.

Durante a ditadura militar, minha mãe acompanhava as decisões dos filhos e procurava entender o que acontecia. Foi com sofrimento, mas também com compreensão, que aceitou minha renúncia ao sacerdócio. Minha opção também foi política, e parte dessa história está no documentário *Afastando Muros*, no Youtube.

A herança recebida de nossos pais assumiu formas muito diferentes entre os filhos, netos e agregados à família. Participaram e continuam participando da vida política em diferentes áreas: no movimento estudantil, na educação, na saúde, no direito, nos sindicatos e na defesa do meio ambiente, na música, na poesia, no teatro e no cinema. Nesta eleição, dois sobrinhos da família são candidatos a deputado estadual e federal.

Um dos meus irmãos, João Batista, deixou uma vida mais tranquila para abraçar a causa operária. Sua história está contada no livro *Memórias Vermelhas*. O livro, por meio de relatos ao jornalista Ismael Machado, aborda momentos centrais da história política e sindical brasileira do século XX: sua opção operária em Campinas, sua transferência para o ABC, sua resistência contra a ditadura militar, sua articulação das greves operárias no chão de fábrica e no ABC paulista junto com Lula, sua luta histórica por moradia na Ocupação do Centreville, seu percurso internacionalista em defesa dos direitos trabalhistas e hoje dirigente do PC do B no Rio de Janeiro.

Uma irmã, Isaura, também fez uma escolha radical. Trancou o curso de Psicologia na PUC, fez curso de auxiliar de enfermagem e foi, com seu companheiro, para a guerrilha no sertão da Bahia. Depois da morte de Lamarca, refugiaram-se no Acre até a Anistia. Mais tarde, dedicou-se à política institucional e exerceu cinco mandatos de deputada estadual em Goiás. Ela e seu companheiro têm feito um grande trabalho em relação à moradia popular e hoje é candidata ao Senado. Sua história e de seu companheiro está no documentário “Um amor na ditadura: Isaura e Euler”, no Youtube.

Talvez a maior herança que recebemos de nossos pais foi a compreensão de que viver em sociedade significa participar dela. A democracia não é apenas uma formalidade que se resume à realização de eleições. E participação é uma experiência concreta e cotidiana.

E talvez seja por isso que, numa família de quatorze irmãos, existam tantas histórias e estórias de uma família politizada.